

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

REFLEXÃO SOBRE A ABORDAGEM DO OUTRO

REPRESENTADO COM A APARÊNCIA DO EU

Maria das Montanhas da Silva Carvalho Pinto



Campina Grande – PB

2004

Maria das Montanhas da Silva Carvalho Pinto

**REFLEXÃO SOBRE A ABORDAGEM DO OUTRO
REPRESENTADO COM A APARÊNCIA DO EU**

**Monografia apresentada ao curso de graduação em História da
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, em cumprimento
às exigências para obtenção do título de graduada
em História com licenciatura plena.
Tendo como orientadora a professora Eronides Câmara Donato.**

Campina Grande – PB

2004

Maria das Montanhas da Silva Carvalho Pinto

**REFLEXÃO SOBRE A ABORDAGEM DO OUTRO
REPRESENTADO COM A APARÊNCIA DO EU**

Campina Grande – PB

2004

Maria das Montanhas da Silva Carvalho Pinto

**REFLEXÃO SOBRE A ABORDAGEM DO OUTRO
REPRESENTADO COM A APARÊNCIA DO EU**

Aprovada em 23 / 03 / 04.

Comissão Examinadora:

Jose Luiz Ferreira

Professor (a)

Celso J. do Nascimento

Professor (a)

Arando Camargo Santos

Professora Orientadora

Campina Grande – PB

2004



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu marido (*in memoriam*), que mesmo estando em outro plano espiritual, nunca deixou de fazer parte do meu cotidiano.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pois se tive forças, coragem e perseverança para concluir esta etapa de minha vida, foi graças a Ele, que esteve ao meu lado e não me deixou desistir.

Às minhas filhas que tanto insistiram para que eu fosse estudante da UFCG.

A todos os professores que contribuíram para o meu crescimento intelectual, especialmente a professora Eronides Câmara Donato que tanto fez por mim.

Aos colegas de curso que me deram apoio quando eu pensei fracassar.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
MEMORIAL.....	03
ALTERIDADE E DIFERENÇAS: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA.....	09 X
O “TROMBADINHA” COMO UM SER A SER CORRIGIDO.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17 X
BIBLIOGRAFIA.....	21

INTRODUÇÃO

A transformação pela qual vem passando o mundo globalizado onde a capacidade de processar e selecionar informações, a criatividade, a iniciativa, os novos conceitos a respeito de identidade, diferenças e interação social constituem matérias primas para diferenciar os indivíduos em sociedade, na qual a educação é convocada para expressar um novo tipo de estudo, no qual sejam consolidados valores éticos e democráticos.

A formação educacional deve estar voltada para atender o mercado de trabalho, a flexibilidade, competitividade com ética e com o preparo do novo cidadão. Faz-se então necessário uma reavaliação metodológica da prática educacional, principalmente no campo da história, uma vez que novos discursos têm surgido nesta área de ensino.

Neste trabalho especificamente, tenho como objetivo falar sobre diferenças, alteridade e inclusão, temas estes em total evidência dentro da instabilidade discursiva pela qual passa o mundo e, por conseguinte, a educação.

O estudo que fiz sobre estes temas, ainda que limitado, foi de extrema importância para minha vida, não só pessoal como também para minha vida de educadora. E como fundamentação teórica, eu utilizei as várias leituras que fiz durante o curso.

No capítulo I, farei uma reflexão da minha vida acadêmica nesta instituição e suas contribuições para a minha formação como professora.

No capítulo II, apresento uma reflexão teórica a partir dos textos: “O nome dos outros. Narrando alteridade na cultura e educação”, “Incluir para excluir” e as três aulas dadas por Foucault no Collège de France, em 1975¹.

¹ Conforme bibliografia no final do texto

Finalmente, no capítulo III, falo sobre a figura do “trombadinha” como um outro que representa um mal-estar na modernidade. Escolhi este tema porque é um assunto que me incomoda bastante e que as leituras feitas durante o curso, embora tenham aflorado bastante, não conseguiram mudar o meu modo de pensar.

I

ANÁLISE REFLEXIVA DA FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL

“... O princípio do prazer
sonho que o tempo não desfaz
o meu coração me diz
fundamental é ser feliz”.

Geraldo Azevedo.

Meu nome é Maria das Montanhas da Silva Carvalho Pinto, sou concluinte, do curso de História, com habilitação em Licenciatura pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Campus I. Neste memorial tenho como meta fazer um relato de minha vida acadêmica e profissional, enfatizando porém aqueles momentos que mais marcaram minha passagem por este ambiente de “saberes”, convívio com colegas e contribuições que foram dadas pelos queridos mestres.

Iniciei a vida profissional como professora, quando ainda era estudante do Colégio Imaculada Conceição, na cidade de Arcoverde, PE. Lecionei numa escola privada de nome Externato Silva Jardim por três anos. Era ótimo e foi aí que percebi como eu tinha vocação para ser professora. Em 1970, fui a Paulo Afonso e fiz um concurso na CHESF, como fiquei aprovada, fui convidada a ensinar naquela autarquia. Por doze anos vivi trabalhando naquela instituição, para ir assumir um emprego no Banco do Brasil. Foi um impacto para mim, pois fui trabalhar com máquinas, contabilidade e serviços repetitivos. Quase morro de saudade dos meus alunos e colegas da CHESF. No ano de 1992, vim residir em Campina Grande para minhas filhas freqüentarem a universidade, e continuei trabalhando

no Banco do Brasil. Em 1998, me aposentei, mas não me adaptei a vida doméstica, então voltei a estudar.

Na minha passagem por este estabelecimento de ensino, interagi com muitas pessoas, umas mais significantes, outras menos. De todas, entretanto, eu consegui tirar um pouco de sabedoria, pois na vida aprendi que sempre podemos guardar algo do nosso semelhante. Ficaram em mim também os momentos alegres na cantina, biblioteca, banquinhos e até os sons maviosos do coral do DART. Poxa! É um mar de emoções!... Só agora me dou conta de como tudo foi tão importante e como irei sentir falta daqui.

O curso de História não só foi o eixo da minha trajetória acadêmica, como serviu para que eu olhasse o mundo de outra forma, abrindo para a minha mente possibilidades antes não pensadas. Hoje, eu vejo a História não como verdade incontestável, mas como possibilidades de questionamentos, porque entendo que os discursos tanto históricos, como científicos, sociais ou políticos são construções de seres humanos. Construções estas, que servem a um determinado tempo, espaço e interesses.

As razões que me levaram a cursar História foram as seguintes: necessidade de atualização profissional, depressão pela perda do meu marido, solidão após uma aposentadoria precoce e uma vontade de voltar ao mercado de trabalho na área de ensino. Como já possuía uma habilitação em Estudos Sociais pela Faculdade de Belém, optei pela continuidade dos estudos na área de humanas.

Os primeiros períodos foram difíceis, devido estar afastada dos estudos há dezoito anos, saindo de um trauma familiar e com a saúde danificada. Apesar dos pesares, fui continuando. Aquelas horas que passava na Universidade foram se tornando momentos de lazer, de fazer novos amigos, de aprender e de voltar a sorrir.

No primeiro período, tive as primeiras experiências com os seminários, pesquisas, textos acadêmicos, palestras no Centro de Extensão e produção textual com idéias

próprias. Porém, nada me marcou tanto como as aulas da competente professora Eronides Câmara da disciplina História Antiga Ocidental. Esta nos fazia viajar com os mitos, deuses e mares bravios. Era uma delícia, parecia que estávamos vivendo aquelas aventuras, como se fôssemos crianças rodeadas por um mundo só nosso. Ainda nesse período, fomos apresentados ao professor Durval Muniz. Meu Deus! Como pode um professor tão alegre, bonito, com aquele brilho intenso no olhar de criança, se tornar perante a turma tão gigante no saber. Nós ficávamos fascinados com as suas aulas, era como se o mesmo fosse a fonte do saber.

Os períodos foram sendo vencidos, as dificuldades aumentando, as exigências também. Na disciplina Teoria da História o professor Durval Muniz não deixava por menos. Era uma sucessão de nomes famosos que devíamos conhecer, bem como suas teorias e formas de ver o mundo. Num momento era Marx, em outro Shopenrauer, Nietzsch, Hegel e tantos outros. Meu orgulho foi apresentar o Seminário sobre Dilthey e receber um elogio deste famoso mestre. Foi a glória! Efêmera claro.

O terceiro período foi muito significativo para mim, pois através da professora Auricélia na disciplina História Medieval Ocidental, eu fiz uma desconstrução dos meus ideais religiosos. Com suas explicações, textos, filmes e etc. eu aprendi muito e também me decepcionei outro tanto com o real significado da Igreja e religiosidade. Esta disciplina foi um marco na minha vida acadêmica.

Nas disciplinas História do Pensamento Político Social Geral e do Brasil eu tive uma experiência frustrada. A professora Sandra Fook que ministrava as duas disciplinas faltava muito. Não por descaso, mas porque enfrentava problemas familiares e de saúde. Pouco aprendi sobre a Antiguidade Clássica, mas mesmo assim gostei de conhecer a vida de Sócrates. Assunto este que foi tema de um seminário apresentado por mim. As

disciplinas poderiam ter sido mais proveitosas, mas na nossa caminhada terrestre imprevistos acontecem.

No quinto e sexto período comecei e terminei com o professor Fábio Gutemberg o estudo da Paraíba I e II. Foram dois períodos que me deixaram muitos ensinamentos. Com este professor que tinha uma face zangada, mas um coração de bons sentimentos eu me vi iniciando no mundo das resenhas e foi um Deus me ajude. Aperreei tanto esse professor e ele sempre paciente com seu lápis vermelho a fazer correções, mas com bondade me orientando nos “Dizeres e Saberes da Paraíba”. Obrigada professor Fábio.

Ainda neste momento conheci o professor Celso Gestemeier ministrante da disciplina de América I, II e III, o meu interesse nestas aulas era grande, o conteúdo era agradável, o professor era alegre, dava aula sempre contando fatos engraçados e a classe toda aprendia sorrindo. Na hora da nota, porém era uma exigência só, por isso tínhamos que estar atentos aos ensinamentos. Na culminância dessa disciplina, fizemos uma festa para homenagear nosso amado mestre com o tema: “Viva Zapatta”, foi lindo e ele ficou muito emocionado.

No sexto período, eu já tinha alcançado um dos meus objetivos do início do curso; isto é: tinha voltado ao mercado de trabalho e agora lecionava no Ensino Fundamental da Prefeitura Municipal de Campina Grande. Comecei a cursar a disciplina Psicologia do Adolescente que muito tem ajudado na convivência com os alunos que ora trabalho. Também estudei História Econômica do Brasil com o professor Benjamim, que com seus filmes e documentários me fez conhecer uma maneira agradável de se ensinar História.

Sétimo período e como não poderia deixar de ser, lá está a Historiografia Brasileira com suas correntes historiográficas e seus seminários mais complexos. Contudo, a calma do professor Gervácio fez com que o difícil ficasse fácil e pude comprovar que também na simplicidade se faz grandes mestres. Foi um período sem neurose e muito gratificante.

Como pré-concluente voltei a ser aluna da minha primeira grande mestra: Eronides Câmara e que prazer é voltar a sentir que o tempo só tornou esta criatura mais sábia, mais alegre e mais querida por seus discípulos. Com a mesma, estudei Metodologia do Ensino da História, com suas famosas oficinas discutindo subjetividades e os regimes de verdade. A disciplina Tópicos Especiais – Complementação da Prática de Ensino discursa o poder do discurso na tentativa de fixar as identidades.

Parece que ainda me vejo chegando a esta instituição, com passos lentos e uma vontade imensa de fazer parte do corpo estudantil da mesma. Fiquei e o tempo foi passando, e agora estou no último período. Estou cursando a Prática de Ensino e por exigência da lei atual tive que escrever uma monografia que terá como primeiro capítulo este memorial. Porém, quero antes de tudo, falar sobre minha experiência como produtora de monografia. Confesso que foi traumática. Devido a uma doença que contrai na coluna vertebral, mais especificamente uma hérnia de disco cervical, fui proibida de ler ou escrever por mais de quinze minutos, e esse foi o meu trauma. Como vencer este obstáculo foi a pior parte. Sinceramente não gostaria de viver tudo novamente. Quanto ao trabalho que irei apresentar será constituído deste memorial; no segundo capítulo escrevo ainda que de forma resumida sobre alteridade e diferenças, temas que, na atualidade, têm grande aceitação pelos historiadores; no terceiro e último falarei sobre a figura do “TROMBADINHA” como um ser a ser corrigido.

Nesta disciplina trabalhamos com várias oficinas, entre elas, “O Cinema na Educação”, foi um trabalho elaborado com o objetivo de ajudar os professores na utilização de filmes em sala de aula. Elaboramos este trabalho para os formandos da Escola Normal de Campina Grande. O ponto mais positivo deste trabalho foram as diversas leituras que fizemos sobre o cinema e que, sem dúvida, irão nos ajudar não só na disciplina de história, mas também em outras discussões.

Fazendo uma avaliação do último período nesta universidade, quero dizer que, literalmente, foi o que maior ansiedade me trouxe. Entretanto, ainda penso com convicção que foi uma honra ter sido aluna deste local de múltiplos ensinamentos.

Encerrando este memorial, agradeço a todos os professores sem os quais eu não estaria tendo este momento. Reservo um agradecimento especial para a professora Nilda, que desde os primeiros momentos me acolheu nesta instituição com educação, presteza e vontade de me ajudar. Agradeço também aos professores Celso e José Luís que aceitaram fazer parte da banca com muita boa vontade, e às minhas filhas, que tantas vezes deixei-as sem a minha presença, para vir em busca do saber. Finalmente, a Deus eu agradeço por ter me dado forças para recomeçar a vida, após intempéries, por ter me feito gostar do curso e por ter me devolvido a vontade de ser feliz.

II

ALTERIDADE E DIFERENÇAS: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA

No curso de História, especificamente nas disciplinas de Tópicos e Metodologia, fizemos leituras e discussões sobre os textos: “O nome dos outros – narrando a alteridade na cultura e na educação”, “Incluir para excluir” e as três aulas dadas por Foucault² no Collège de France, que tratavam de anomalias do século XIX, o problema da masturbação, o aparecimento do personagem do anormal e o domínio da anomalia e como funcionava no século XIX.

Trabalhamos com o olhar voltado para as diferenças e, confesso que achei as aulas muito interessantes. Contudo, não posso deixar de registrar que sofri um grande impacto sobre os assuntos discutidos, uma vez que eu nunca tinha lido assuntos tão polêmicos e tão atuais.

No que se refere a discussão do primeiro texto: “O nome dos outros – narrando a alteridade na cultura e na educação”, a figura mais discutida foi o negro e, qual não foi meu espanto ao perceber que dentro da sala de aula existiam pessoas, sem sombra de dúvida, altamente racistas. Foram feitos vários relatos sobre fatos acontecidos com os próprios alunos e seus familiares, piadas que denigrem a imagem do negro foram contadas e subjetividades como feiúra, desonestidade, marginalidade e outros valores pejorativos a

² DUSCHATZKY, S; SKLIAR, C. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. *In*. Habitantes de Babel. Políticas e poéticas da diferença. Jorge Larroza e Carlos Skliar (orgs) Trad. De Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autentica, 2001 (texto nº8).

VEIGA NETO, AJ. Incluir para excluir. *In*. Habitantes de Babel. Políticas e poéticas da diferença. Jorge Larroza e Carlos Skliar (orgs) Trad. De Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autentica, 2001 (texto nº9).

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1976. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996 (texto nº1).

FOUCAULT, M. Os normais. Curso no Collège de France (1974-1975). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001 – Coleção: Tópicos (p. 69-100) Texto nº 10; (p. 293-334) Texto nº 11 e (p.370-408) Texto nº 12.

esta classe foram atribuídos. Também veio à discussão a questão das cotas de vagas nas Universidades para pessoas de cor. O que, na minha visão, esta prática só serve para aumentar o preconceito racial. É o que se denomina de “Discurso Travestismo”³. Todos nós sabemos que o problema está no péssimo ensino dado no setor público, onde o pobre, branco ou negro frequenta, e não na cor da pele.

Além de tudo, o “outro”, quer seja negro, pobre, mulher, homossexual, índio, etc. são sempre vistos como figuras que trazem o mal. Todos estes seres têm uma identidade instituída pelo discurso preconceituoso do branco, que sacraliza através de práticas culturais que regulam e naturalizam o “outro” com identidades fixas e homogêneas.

E dessa forma, o “eu”, à medida que vai criando um espaço inferior para o “outro”, constrói para si um lugar de superioridade, nos quais as subjetividades são inteligência, beleza, razão e poder. O lugar do eu é feito através do lugar do outro. É a alteridade literalmente atuando neste relacionamento binário.

Na educação, por incrível que pareça, é onde aparece esse binarismo com mais frequência, quer seja no relacionamento professor-aluno, quer seja nos livros didáticos, quer seja no currículo, quer seja aluno com aluno. Os professores não estão preparados para trabalhar as diferenças, no máximo pedem respeito e tolerância para os conflitos, e aí afirmam, mesmo sem intenção, a existência do outro inferior, que é visto como um ser a tolerar e não como diferente.

No texto “Incluir para excluir”, foi discutido a inclusão de “anormais” dentro da sala, ou do convívio social com os ditos normais, a fim de diminuir preconceitos. Concluímos que os anormais são constituídos através de discursos e que não são essencialmente naturais em suas diferenças.

³ Discurso Travestismo – Os discursos sociais se revestem com novas palavras, se disfarçam com véus democráticos e se acomodam sem conflito às intenções dos enunciados do momento. Conforme a fala de Silvia Duschatzky e Carlos Skliar, na p. 119 do texto: “O nome dos outros, reflexões sobre os usos escolares da diversidade”. Porto Alegre: Educação e realidade, v. 25, n. 2, 2000. p. 163-178.

O que há, é um jogo de linguagem e poder que nomeia e classifica os que não se enquadram no padrão exigido por aqueles que detêm o poder, como é o caso da lógica do neoliberalismo que classifica a partir de critérios econômicos.

Para os normais, a diferença contamina, enfeia o perfeito. Além disso, os anormais teimam a não se recolher a um lugar limitado e teimam em provocar o caos, fazem os ditos normais ter que conviver com esses refugos da natureza. E aí representam a impossibilidade estrutural da sociedade.

A sala de aula, os livros, o currículo, tudo foi feito para uma classe de normais, por isso, no meu ponto de vista como educadora, eu sinto que para haver inclusão escolar é necessário um preparo de todos esses itens, porque do contrário, essa inclusão poderá ser ainda mais excludente e perversa. É bem verdade que o termo anormal causa incômodo, mas muitas vezes essa política de inclusão sem uma análise dos prós e dos contras, poderá reforçar ainda mais as diferenças existentes.

Quando da apresentação do texto “Análise da anomalia no século XIX” foram apresentadas e discutidas as três categorias: o monstro, o incorrigível e o masturbador. O monstro humano é visto e analisado como aquele que viola as leis da natureza e da própria sociedade na qual está inserido e é tido como um registro duplo, infração às leis em sua existência mesma, isto é no campo jurídico-biológico. O anormal, portanto, é o monstro cotidiano e banalizado.

A outra anomalia é o indivíduo a ser corrigido e tem como contexto a família com sua relação com as instituições próximas, como a escola, a oficina, a rua, a igreja, a polícia, etc. Entre o monstro e o indivíduo a ser corrigido existem algumas diferenças, como sejam: o monstro é um ser cosmológico, já o ser a ser corrigido, seu contexto é mais limitado, a taxa de indivíduos a ser corrigida é bem maior, é um fenômeno corrente. Já o monstro é uma exceção. O que define um indivíduo a ser corrigido é que ele é incorrigível.

O anormal do século XIX também é um incorrigível que vai ser posto no centro de uma aparelhagem de correção, seriam os rebeldes, os ladrões, assassinos, brigões, estupradores, etc. Enfim, é um violador das leis e dos bons costumes.

A outra categoria estudada foi a dos masturbadores, que têm como campo de aparecimento a família. Têm como contexto: o quarto, a cama, o corpo e têm como vigilante os pais, os irmãos, o médico. E toda espécie de microcélula fica em torno destas figuras para impedi-lo de praticar o ato de masturbação que servirá como causa de doenças corporais, doenças nervosas e psíquicas. Essa figura tem relação com o monstro e o incorrigível. A masturbação portanto, é um ato universal, mas paradoxalmente não se comunica a ninguém.

O anormal do século XIX, é um descendente destes três indivíduos que são o monstro, o incorrigível e o masturbador. Desta forma, vimos que o monstro é o que transgride a ordem da constituição física ou comportamental esperada pelo social.

Também discutimos o poder que as instituições possuíam e possuem para nomear, classificar e separar o “diferente”. A monstruosidade existe quando muda a ordem da lei da natureza ou quando vai de encontro ao direito civil, canônico ou religioso.

Outro tipo de ser que é considerado como monstro e que me chamou a atenção foi o hermafrodita, que aparece no século XVIII e vai continuar a provocar debates no início do século XIX. Este era considerado monstro, executado, queimado, e suas cinzas jogadas ao vento. Para ilustrar, várias histórias foram contadas a respeito desta aberração física.

No meio de todas essas monstruosidades, as ciências estavam para explicar as mesmas, principalmente a psiquiatria que agia no estudo das infantilidades e na conduta dos adultos que mostravam traços de infantilidade e patologias.

Após a leitura dos referidos textos eu fiquei entendendo melhor as diferenças existentes nesse mundo e cheguei a conclusão que cada um de nós tem um pouco de monstro se nos reportarmos àquele período.

Portanto, a discussão dos textos e a leitura que fiz dos mesmos me fizeram refletir sobre a cultura ocidental, que é feita de exclusão e preconceitos, que elabora identidades a fim de pontuar lugares de superioridade e inferioridade. No próximo capítulo, faço uma discussão de uma identidade considerada atualmente como diferente e anormal.

III

O "TROMBADINHA" COMO UM SER A SER CORRIGIDO

Após dias e meses debruçada sobre livros, textos e discussões sobre diferenças, alteridade e pluralismo cultural, eu, infelizmente, tenho que reconhecer que não fiquei totalmente imune aos preconceitos. Vejo nesta figura citada, um monstro que traz pavor. Digo monstro em virtude do mesmo ser sem limites, um misto de perversidade e rancor, que sai causando desespero a homens, mulheres e crianças. Não digo que esta categoria seja totalmente homogênea, pois uns são mais perversos que outros. Contudo, de maneira geral, todos trazem problemas para a sociedade. Não posso dizer que os tolero porque não é verdade. Apenas acho que eles me tornam insensível e até indiferente.

Entretanto, quero esclarecer que não estou me referindo àquelas crianças pobres que, por um desvio social, são obrigadas pelos pais ou mesmo por questões econômicas a agirem de tal forma.

Atribuo a existência do "trombadinha", em primeiro lugar, ao governo que tem o poder, poder este que deveria ser mais participativo nas questões sociais, à família, que do final do século XX até os dias atuais tem deixado de dar a devida assistência aos seus filhos, empurrando-os para escola para se verem livres, em troca de bolsa escola ou coisas do gênero e também ao uso de drogas. Drogas que estão destruindo os filhos do mundo. Portanto, estes que digo culpados, pecam pela omissão, pela falta de tempo, pactuando com critérios inaceitáveis e que só irão aumentar o número de jovens que se tornarão "trombadinhas" e por conseguinte, excluídos.

O mundo onde vivemos é feito de pessoas diversas tanto fisicamente, como emocionalmente e culturalmente. Isso eu sei. Mas, apesar de ter consciência que devemos

reconhecer e valorizar as várias identidades existentes, nós estamos cotidianamente instituindo a identidade do outro. Talvez seja por esta razão que dentro do meu preconceito, eu insista em naturalizar em minha mente, o “trombadinha” como um filho mal.

A diferença perturba bem mais o outro do que ao próprio diferente. No caso específico do “trombadinha”, percebo a maneira arrogante de falar, o jeito maligno de olhar e de intimidar, fazendo com que eu lembre o meu medo, a minha fragilidade perante essa anomalia da sociedade. E então, por mais que eu pense, não posso aceitar esse estranho sem espaço e sem rumo. Assim sendo, eu formulo minha identidade como a pessoa que teme e ao outro, eu nomeio de estranho, perigoso e do mal.

Como educadora, eu não posso e nem devo agir com preconceito e, se chega um “trombadinha”, ou seja, um menino de rua de alta periculosidade na minha sala de aula, eu tremo, penso em deixar de lecionar, mas não o trato com rejeição. Me polio a toda hora e agradeço a Deus quando a aula termina.

Apesar deste discurso sobre diferenças estar chegando às escolas e até de certa forma sendo reconhecido, não se pode deixar de identificar a escola como lugar de sacralizar diferenças. A própria linguagem é utilizada a fim de subjetivar os sujeitos. Mas também pode ser utilizada para implementar mudanças no campo político, cultural ou econômico.

Voltando ao assunto a que me propus a falar, que é a figura do “trombadinha”, fico me questionando: Será que estou sendo injusta? Tenho medo de estar estereotipando alguém e construindo uma alteridade negativa baseada em oposições binárias. Porém, uma coisa eu aprendi, é que a formação de preconceitos traz implicações e reflexo por várias gerações.

Contudo, a lógica binária inventada na modernidade explica este meu modo de pensar. A mesma denomina, dentro da relação cultural, de termos como sentidos pejorativos aquele que considera inferior: marginal, drogadinho, negrinho, louco, deficiente, homossexual, etc. São oposições binárias que privilegiam o primeiro em detrimento do segundo.

De modo que este capítulo é resultante do mal-estar que sinto com a diferença. Reconheço que a minha forma de pensar o outro como diferente de mim, e não só diferente, mas inferior, anormal, perigoso, é uma discussão histórica, filosófica e social que foi por mim e por muitas pessoas subjetivada nas relações culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando as leituras feitas, cheguei a conclusão que no mundo atual observa-se uma série de discursos envolvendo conceitos de identidade, diferenças e alteridade. Suponho ser devido a nova ordem de prioridades daqueles não detentores do poder e que, incomodados, estão se preocupando com as relações entre os povos e com a diversidade cultural. Ou serão apenas construções linguísticas? Na realidade, a identidade, tal como a diferença, é uma relação social sujeita a relação de poder. É o poder que inclui, exclui, classifica, normaliza e demarca fronteiras. E quando nos propomos a normalizar a identidade como normal estamos fixando-a como única e desejável, e classificando as pessoas como normal ou anormal; e nessa complexidade de relacionamento forma-se a alteridade como construção de uma imagem positiva a partir da imagem negativa do outro. Exemplificando: o ocidente constrói sua imagem a partir da imagem do oriente; o colonizador que traz o progresso e o índio com sua brutalidade que o hostiliza.

Dentro desse contexto, surgem cada vez mais grupos classificados como diferentes, como por exemplo: homossexuais, drogados e tantos outros que fazem parte da política de inclusão ou exclusão. Atualmente e dentro da lógica do neoliberalismo, o que conta é o poder do mercado. É através das exigências culturais do mercado que o sujeito é classificado.

Michel Foucault, em sua aula inaugural no Collège de France, em 2 de dezembro de 1970, já fazia alusão sobre o poder que tem a linguagem de nomear, classificar e ordenar, como é o caso do louco nomeado pelo saber científico. Ao mesmo tempo que ele fala sobre o poder do discurso que pode dar ou não vida a alguém. Ele alerta que todo

discurso tem intenções, portanto deve ser criticado como regime de verdade. Foucault ainda diz: “Na produção do conhecimento não existem verdades absolutas, não existem certezas”.

Através dessas leituras, fiz o meu trabalho que, sem dúvida, me deixou com muitas perguntas sem respostas, mas como o conhecimento é dinâmico, espero tê-las algum dia.

PARA REFLETIR

Quase Acreditei

Autor desconhecido

Quase acreditei que não era nada

Ao me tratarem como nada

Quase acreditei que não seria capaz quando não me chamavam, por acharem que eu não era capaz.

Quase acreditei que não sabia quando não me perguntavam por acharem que eu não sabia.

Quase acreditei ser diferente entre tantos iguais, entre tantos capazes e sabidos, entre tantos que eram chamados e escolhidos.

Quase acreditei estar de fora quando me deixavam de fora porque... Que falta fazia?

E de quase acreditar adoeci; busquei ajuda com doutores, mestres, magos e querubins.

Procurei a cura em toda parte e ela estava tão perto de mim.

Ensinaram-me a olhar para dentro de mim mesmo e perceber que sou exatamente, como os iguais que me faziam diferente.

E acreditei profundamente em mim.

E tenho como dívida com a vida fazer com que cada ser humano perceba, se ame, se admire de si mesmo, como

verdadeira fonte de riqueza.

Foi assim que cresci: acreditando.

Sou exatamente do tamanho de todo ser humano.

E por acreditar, perdi o medo de dizer, de falar, de participar, e até de cometer enganos.

E se errar?

Paciência, continuo vivendo por isso aprendendo.

BIBLIOGRAFIA

BIRMAN, J. **Por uma estilística da existência**. São Paulo: Editora 34, 1996.

COSTA, MV. **Escola básica na virada do século: cultura, política e currículo**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DUSCHATZKY, S; SKLIAR, C. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. *In. Habitantes de Babel. Políticas e poéticas da diferença*. Jorge Larroza e Carlos Skliar (orgs) Trad. De Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autentica, 2001.

DUSCHATZKY, S; SKLIAR, C. **O nome dos outros, reflexões sobre os usos escolares da diversidade**. Porto Alegre: Educação e realidade, v. 25, n. 2, 2000. p. 163-178.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1976. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996 (texto nº1).

FOUCAULT, M. **Os normais**. Curso no Collège de France (1974-1975). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001 – Coleção: Tópicos (p. 69-100) Texto nº 10; (p. 293-334) Texto nº 11 e (p.370-408) Texto nº 12.

SILVA, TT. Identidade e diferença: impertinências. **Rev. Educação e Sociedade**, Campinas, n.79, ano XXIII, ago. 2002.

SKLIAR, C. A invenção e a exclusão da alteridade deficiente a partir dos significados da normalidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.24, n.1, jul/dez, 1999.

VEIGA NETO, AJ. **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

VEIGA NETO, AJ. Incluir para excluir. *In. Habitantes de Babel. Políticas e poéticas da diferença*. Jorge Larroza e Carlos Skliar (orgs) Trad. De Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autentica, 2001.